

Não há como negar as delícias das boas safadezas (travessuras, traquinagens).

Quem nunca passou um café sem açúcar para um amigo formigão e apreciou sua reação ao primeiro gole?

E aquela abocanhada esplêndida após pedir para dar uma mordidinha num sanduíche?

Espirrar uma aguinha, com o automóvel jogado contra uma poça, num passante distraído ou uma borrifadinha, com o guarda-chuva, naquele que se protegia obstinadamente sob a marquise?

Um trote de primeiro de abril é imperdível, tanto quanto mandar um filho experimentar uma bolinha de sal, dizendo ser de açúcar.

Grudar uma goma de mascar mastigada num assento ou deixar uma tampa de molho de tomate ou de saleiro pronta para soltar-se ao primeiro uso são um pouco mais cruéis, mas potencialmente até mais engraçadas.

Estas pequenas travessuras fazem parte do lúdico do dia a dia do ser humano, o animal que ri.

O basquetebol é rico para exemplificar tais ações hilárias. Os jogadores mais experientes não se cansam de provocar o choque com o defensor que se posta à sua frente para tentar impedir o arremesso de três pontos, ganhando a oportunidade de três arremessos livres. O mais divertido é observar as feições do algoz e da vítima ao apontamento da falta pelo árbitro. Não faltam safadezas no garrafão e os que mais se locupletam delas são os que vencem. Fazem parte do jogo.

Noutro dia, mudando para o futebol, São Paulo e Corinthians enfrentavam-se em partidas de ida e volta para eliminar um deles das finais do Campeonato Paulista. Eis que um atacante do alvinegro (Jô) empurra o defensor tricolor (Rodrigo Caio), fazendo-o atingir próprio seu goleiro, que fica retorcendo-se no chão. O árbitro vem em desabalada carreira, adverte severamente o atacante e exhibe a ele um portentoso cartão amarelo, que o tiraria da partida de volta. Para surpresa geral, Rodrigo Caio de pronto inocenta Jô, o que faz o árbitro anular o cartão imposto. Recebe louvas dos jornalistas (que tristeza os ver falar!) por ter tido atitude ética (o que qualifica o bem e o mal em determinada sociedade)! O atacante também o elogia muito, ganha condições para o jogo de volta, no qual, para consagrar de vez o feito, marca um gol impedido e desclassifica o rival.

Como se vê, confundir “boa safadeza” com “má ética” nunca rende boa coisa. Era o tipo da situação propícia para o disfarce, a desfaçatez, o escárnio, o deboche, que fazem a alegria do futebol.

Quem se esqueceu da “mano de Dios” de Maradona, que rendeu um título mundial à Argentina, em gol de mão contra a Inglaterra? Alguém qualificou o jogador de antiético? Pelo contrário, ele ganhou de vez a condição de semideus, apesar de todos os seus outros deslizes vida afora.

O esporte profissional é palco perfeito para as safadezas, que geram assunto nos bares, na condução, nas ruas, nos escritórios. Há muito mais graça em tripudiar pelo que foi irregular, do que saudar o justo e o costume é até fonte do Direito. Faz parte do cotidiano do animal que ri.

Os que discordam são falsos moralistas, desconhecedores da ética, do comportamento social verdadeiro, reis das babaquices (asneiras).

Para os babacas de plantão, principalmente para os pretensiosos árdus defensores da ética, sem conhecê-la de fato, as palavras contidas no título da crônica vêm explicitadas no curso do texto.

